

INSTITUTO FEDERAL
Sergipe

**MARCUS PAULO
CARDOSO ARGOLÓ**

**JOSÉ FRANCO DE
AZEVEDO**

Cartilha formativa: Educação do Campo e EPT



ARACAJU

2025



PROFEPT
MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL
Sergipe

Cartilha formativa: Educação do Campo e EPT

Instituto Federal de Sergipe
Campus Aracaju

Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT

PRODUTO EDUCACIONAL
Cartilha formativa: Educação do Campo e EPT

LINHA DE PESQUISA
Organização e memórias de espaços pedagógicos na EPT

CONTEÚDO | AUTORIA
Marcus Paulo Cardoso Argolo

ORIENTAÇÃO | CO-AUTORIA
Prof. Dr. José Franco de Azevedo

PROJETO GRÁFICO
Marcus Paulo Cardoso Argolo

REVISÃO
Marcus Paulo Cardoso Argolo

IMAGENS
Instituto Federal de Sergipe (IFS)

Aracaju, 2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

A693e Argolo, Marcus Paulo Cardoso
Cartilha Informativa: educação do campo e EPT / Marcus Paulo Cardoso Argolo; orientador: Prof. Dr. José Franco de Azevedo. - Aracaju, SE, 2025
21 f. : il.

Produto Técnico (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Sergipe – Campus Aracaju, 2025.

1. Educação do campo. 2. Formação docente. 3. Instituto Federal de Sergipe. 4. Agropecuária. 5. Pedagogia da Alternância. I. Azevedo, José Franco de, orient. II. Título.

CDU 377:63

Ficha elaborada pelo bibliotecário Mauricio dos Santos Júnior, CRB-5/1813

Órgão Sede: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe
Presidente da República: Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação: Camilo Sobreira Santana

Secretário da Educação Profissional e tecnológica: Marcelo Breganoli

Reitora do IFS: Ruth Sales Gama de Andrade

Elaboração e desenvolvimento: Marcus Paulo Cardoso Argolo

Orientação: Professor Dr. José Franco de Azevedo

Diagramação: Marcus Paulo Cardoso Argolo

Imagen da capa: Instituto Federal de Sergipe (IFS)



Cartilha formativa: Educação do Campo e EPT

2025

SUMÁRIO

Perfil dos Docentes -----	06
01 O que é Educação do Campo? -----	07
02 A EPT em diálogo com o Campo -----	12
03 Metodologias e Práticas -----	15
04 Para Além do "Dar Aulas": O Professor como Intelectual Transformador -----	20
Referências -----	21

Perfil dos Docentes

Perfil dos Docentes

A análise dos gráficos que representam o perfil dos docentes do curso técnico integrado em Agropecuária do IFS Campus Glória evidencia aspectos fundamentais para compreender a relação entre formação docente e Educação do Campo. Observa-se um equilíbrio no estado civil (50% solteiros e 50% casados), indicando diversidade de experiências pessoais que podem influenciar práticas pedagógicas. A predominância feminina (58%) sugere uma possível marca nas interações e concepções sobre ensino, embora não determine por si só as abordagens adotadas. No que se refere à formação, a maioria dos docentes possui título de mestre (58%), seguido por doutores (42%), revelando um quadro altamente qualificado, capaz de articular saberes científicos com práticas educativas.

Desafios e Integração Curricular

Entretanto, essa qualificação formal levanta questionamentos sobre a aproximação com os saberes tradicionais do campo, aspecto central para os objetivos da pesquisa. A distribuição das disciplinas — com maior concentração em áreas propedêuticas (58%) em relação às técnicas (42%) — aponta para um currículo que privilegia conteúdos gerais, o que pode limitar a integração entre teoria e prática agropecuária, essencial para atender às especificidades da Educação do Campo. Esses dados, portanto, reforçam a necessidade de investigar como tais características influenciam as concepções docentes e sua capacidade de promover uma educação contextualizada, alinhada às demandas e saberes das comunidades rurais.





O que é Educação do Campo?

Para iniciar nossa conversa, é crucial fazermos uma distinção fundamental: **Educação do Campo não é sinônimo de Educação Rural**. Por décadas, o que se praticou no Brasil foi uma "educação rural", que consistia, na maioria das vezes, na transposição de um modelo pedagógico urbano, conteudista e padronizado para as escolas localizadas em áreas rurais. Esse modelo, ao ignorar as especificidades culturais, sociais e produtivas das comunidades, tratava o campo como um espaço de "atraso", cuja superação dependia da assimilação dos valores urbanos (ARROYO, 2004). O resultado foi uma educação que desvalorizava os saberes locais e contribuía para o êxodo rural.

A **Educação do Campo**, por outro lado, emerge como um movimento de ruptura com essa lógica. Nascida no seio das lutas dos movimentos sociais, notadamente a partir da década de 1990, ela se firma como um projeto político-pedagógico que reivindica uma escola vinculada à cultura, à identidade e às necessidades das populações camponesas. Conforme define Caldart (2002, p. 41), a Educação do Campo "nasce da articulação de uma experiência de formação de educadores [...] com a luta por uma política pública de educação para os trabalhadores do campo". Não se trata de negar o acesso ao conhecimento científico, mas de colocá-lo em diálogo com os saberes da terra, lutando por uma escola que seja, de fato, do campo, e não apenas no campo.

Marcos legais e filosóficos



Essa luta conquistou espaços importantes na legislação. **As Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002)** são um marco, pois reconhecem a necessidade de uma pedagogia própria e de uma organização escolar que respeite a dinâmica da vida no campo. Este documento orienta para "procedimentos de organização e funcionamento das escolas do campo, incluindo as que agrupam em um mesmo espaço alunos de diferentes idades e séries" (BRASIL, 2002, Art. 4º), como as salas multisserieadas, e prevê a adequação do calendário escolar "às fases do ciclo produtivo e às condições climáticas" (BRASIL, 2002, Art. 5º).

Filosoficamente

A Educação do Campo bebe diretamente da fonte da pedagogia de **Paulo Freire**. Ela se opõe a uma "educação bancária", na qual o professor deposita conhecimento em alunos passivos. Em vez disso, propõe uma educação problematizadora, que parte da realidade concreta dos sujeitos para a construção do conhecimento. Como nos ensina Freire:

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 1996, p. 25)

O sujeito da Educação do Campo

Os sujeitos da Educação do Campo são os **povos da terra, das águas e das florestas**. Essa designação, como nos lembra a literatura da área, é uma categoria política que abrange uma vasta gama de identidades: agricultores familiares, povos indígenas, comunidades quilombolas, ribeirinhos, pescadores artesanais, extrativistas, entre outros (MOLINA, 2015). Apesar de suas diferenças, esses grupos **compartilham um traço comum: uma profunda conexão com o território**, que é entendido não apenas como um recurso produtivo, mas como um espaço de vida, cultura e identidade.

Desafios e Projetos de Vida

É igualmente crucial compreender os desafios e os projetos de vida desses sujeitos. Muitos jovens do campo enfrentam o dilema entre permanecer em seu território ou buscar oportunidades na cidade. Uma EPT contextualizada deve, portanto, focar em fortalecer as potencialidades locais, contribuindo para "qualificar os camponeses para o trabalho associado, para a diversificação da produção, para o beneficiamento dos produtos e para a autogestão dos seus empreendimentos" (MOLINA; SÁ, 2012, p. 52). Ao fazer isso, a escola deixa de ser um "trampolim" para fora do campo e se torna uma "âncora" que qualifica a permanência. Ela passa a construir, junto com os estudantes, projetos de vida que sejam viáveis, dignos e sustentáveis dentro de seus próprios territórios.



PARA REFLETIR:

- Em sua prática, quais elementos se aproximam de uma "educação rural" e quais já apontam para uma "Educação do Campo", conforme discutido por Arroyo (2004)?

Desafios e Potencialidades do Campo brasileiro

O campo brasileiro é palco de uma disputa histórica entre dois modelos de desenvolvimento: o **agronegócio** e a **agricultura camponesa**. O agronegócio, focado na monocultura para exportação, concentra terras, utiliza intensivamente agrotóxicos e mecanização, gerando poucos empregos e profundos impactos socioambientais. Este modelo hegemônico, muitas vezes, é o pano de fundo dos desafios enfrentados pelas comunidades camponesas.



DESAFIOS: marcas da desigualdade histórica

- 1. Infraestrutura Precária:** Muitas comunidades rurais ainda sofrem com a falta de acesso a serviços básicos como saneamento, saúde, transporte de qualidade e, crucialmente para a educação no século XXI, conectividade digital. A ausência de uma internet de qualidade nas escolas e nos lares dos estudantes impõe severos limites ao acesso à informação e ao uso de recursos pedagógicos digitais.
- 2. Conflitos pela Terra e pela Água:** A expansão do agronegócio e de grandes projetos de infraestrutura (como hidrelétricas e mineração) frequentemente resulta em conflitos violentos, expulsão de famílias de suas terras e contaminação de rios e solos, ameaçando diretamente a existência física e cultural das comunidades.
- 3. Invisibilidade e Estigmatização:** Como aponta Arroyo (2004), os sujeitos do campo foram historicamente "invisibilizados" e estigmatizados. Essa visão preconceituosa se reflete em políticas públicas inadequadas e em uma mentalidade que vê o campo como sinônimo de atraso, impactando a autoestima dos estudantes e suas perspectivas de futuro.

Desafios e Potencialidades do Campo brasileiro



POTENCIALIDADES: a força que brota da terra

- 1. Riqueza Sociocultural e Saberes Tradicionais:** As comunidades camponesas são detentoras de um vasto patrimônio imaterial. Seus saberes sobre o manejo ecológico do solo, as sementes crioulas, as plantas medicinais, o artesanato e suas formas de organização social (mutirões, festas, rituais) são tecnologias sociais de imenso valor. A escola pode e deve ser um espaço de pesquisa, registro e valorização desses saberes.
- 2. Agroecologia e a Sustentabilidade:** A agricultura familiar e camponesa é a principal responsável pela produção de alimentos saudáveis que chegam à mesa dos brasileiros. Ela detém o potencial de produzir em harmonia com o meio ambiente, promovendo a agrobiodiversidade e a segurança alimentar e nutricional. Como afirma Frigotto (2010, p. 10), a disputa entre o agronegócio e a agricultura camponesa é também uma disputa pedagógica, e a escola deve tomar partido "na defesa de um projeto societário que tem como centro a vida e não o capital". A EPT pode ser a grande aliada técnica e científica para o fortalecimento da produção agroecológica.
- 3. Economia Solidária e Cooperativismo:** O campo possui uma forte tradição de trabalho associado. O cooperativismo e outras formas de economia solidária surgem como alternativas viáveis ao modelo competitivo do mercado, permitindo que os produtores agreguem valor à sua produção, acessem novos mercados e melhorem sua renda de forma coletiva. A EPT pode oferecer formação em gestão, logística e beneficiamento de produtos, fortalecendo essas iniciativas.

Portanto, **o papel do docente não é o de levar "o progresso" para um campo "atrasado"**, mas o de atuar como um parceiro técnico e pedagógico das comunidades, ajudando-as a superar seus desafios históricos a partir do fortalecimento de suas próprias potencialidades.



A EPT em diálogo com o Campo

O conceito de **Ensino Médio Integrado** é a materialização mais potente deste princípio. Ele rompe com a antiga separação entre o currículo "acadêmico" (Português, Matemática, História, etc.) e o currículo "técnico" (disciplinas da área profissional). A proposta é construir um currículo unitário, no qual os conhecimentos gerais e os conhecimentos específicos se articulam e se contextualizam mutuamente.

Não se trata de ter aulas de formação geral pela manhã e aulas técnicas à tarde, como se fossem dois cursos distintos. A integração pressupõe um projeto pedagógico único, onde, por exemplo, a necessidade de calcular a área de plantio (Matemática) emerge do estudo de um sistema de produção agroecológica (Técnico em Agropecuária), e a análise de um poema sobre a vida na seca (Literatura) enriquece a discussão sobre tecnologias de convivência com o semiárido (Técnico em Meio Ambiente).

Como afirmam Ciavatta e Ramos (2011, p. 3), o ensino integrado visa à "**formação omnilateral**", ou seja, a formação que busca garantir o desenvolvimento do indivíduo em todas as suas dimensões". Para o docente, isso significa um desafio e uma oportunidade: o de trabalhar de forma interdisciplinar, planejando coletivamente com professores de outras áreas.



Trabalho como princípio educativo

Este princípio, de **inspiração marxiana e gramsciana**, comprehende o trabalho de uma forma muito mais ampla do que o mero "emprego". O trabalho é entendido como a atividade pela qual o ser humano transforma a natureza e, ao fazê-lo, transforma a si mesmo e a sociedade. É práxis humana.

Trazer o trabalho como princípio educativo para a escola significa:

- **Analizar o trabalho em sua dimensão histórica e social:** Estudar como as relações de trabalho se organizaram em diferentes épocas e lugares, compreendendo as disputas e contradições do mundo do trabalho contemporâneo (ex: precarização, automação, economia solidária).
- **Ir além do "saber fazer":** A formação não pode se restringir ao treinamento de habilidades técnicas específicas. Ela deve incluir o "saber por que se faz" e "para quem se faz", desenvolvendo a capacidade crítica do estudante para analisar o processo produtivo em que se insere.
- **Integrar ciência, tecnologia e cultura:** A EPT deve articular os conhecimentos científico-tecnológicos com os saberes e a cultura dos trabalhadores, superando a dicotomia entre teoria e prática.

Para a EPT do Campo, isso significa que um curso técnico não deve apenas ensinar a operar uma máquina, mas também a refletir sobre o impacto social e ambiental daquela máquina, a discutir as relações de trabalho que ela engendra e a pensar em formas alternativas e mais justas de organização da produção.



A EPT e o Desenvolvimento Territorial Sustentável

Uma Educação Profissional e Tecnológica (EPT) articulada com a Educação do Campo não pode ter como horizonte a formação de mão de obra para um modelo de desenvolvimento que explora pessoas e degrada a natureza. Seu compromisso deve ser com um projeto alternativo, que fortaleça a permanência das pessoas no campo com qualidade de vida e autonomia. Esse projeto atende pelo nome de Desenvolvimento Territorial Sustentável (DTS).

O DTS se diferencia radicalmente do crescimento econômico a qualquer custo. Ele se baseia na ideia de que o desenvolvimento de um território deve ser pensado a partir de suas próprias potencialidades e com a participação ativa da população local. Segundo Ignacy Sachs (2007), um dos principais teóricos do tema, esse modelo se apoia em cinco dimensões interdependentes: social, econômica, ambiental, cultural e política.

A EPT do Campo, ao adotar os princípios de integração, trabalho e pesquisa, torna-se uma ferramenta estratégica para impulsionar cada uma dessas dimensões.



Metodologias e Práticas - A Alternância

A Pedagogia da Alternância é, talvez, a metodologia mais emblemática da Educação do Campo. Nascida na França em 1935, a partir da necessidade de agricultores de criar uma formação para seus filhos que não os desenraizasse de sua realidade, ela foi adaptada e ressignificada no Brasil, especialmente pelas Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) e Casas Familiares Rurais (CFRs).

Sua proposta central é romper com a separação física e simbólica entre a escola e a vida. Para isso, ela organiza o tempo e o espaço formativo em uma sucessão de dois momentos: o Tempo Escola e o Tempo Comunidade.

Tempo Escola: Período em que os estudantes permanecem na escola, em regime de internato ou semi-internato, tendo aulas, estudando em grupo, participando de oficinas e planejando suas investigações.

Tempo Comunidade: Período em que retornam para suas famílias e comunidades, com a tarefa de aplicar, observar e problematizar na prática os conhecimentos discutidos na escola.

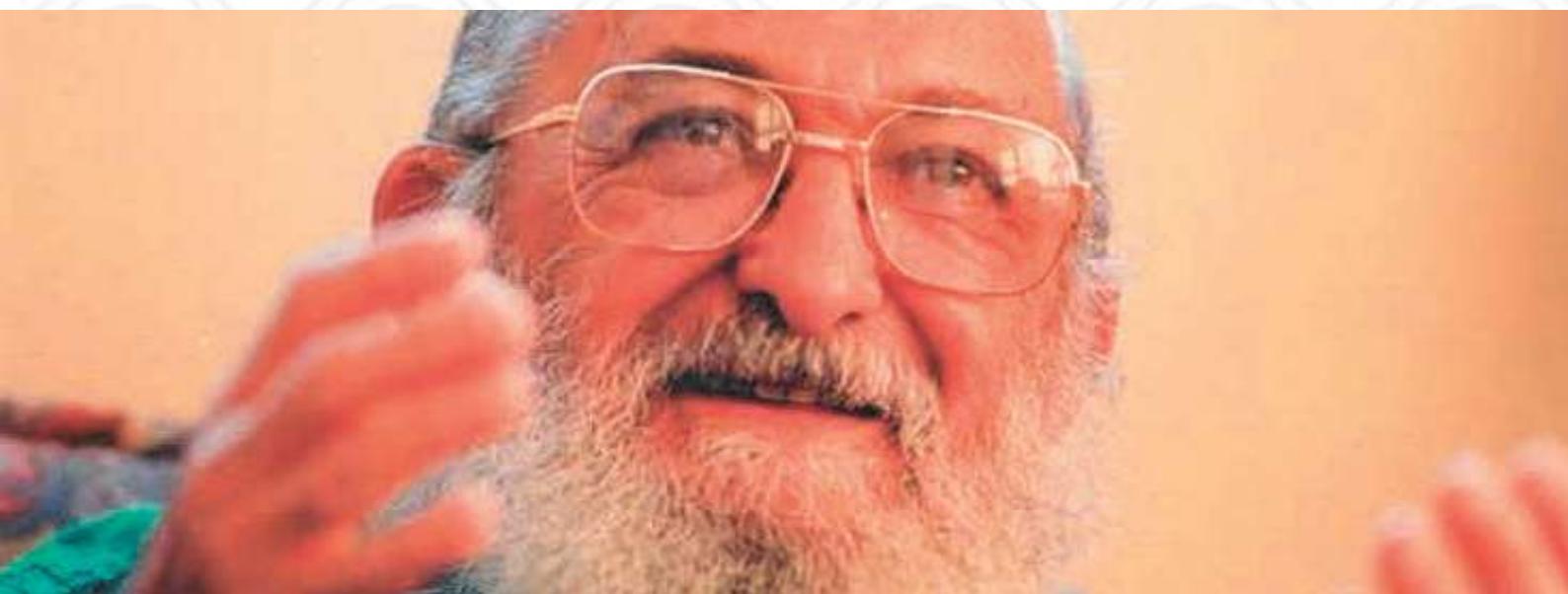
Essa dinâmica "vai e vem" cria um círculo virtuoso: a realidade da comunidade alimenta as discussões na escola, e o conhecimento sistematizado na escola qualifica a intervenção do estudante na realidade. Trata-se, como define Nosella (2012, p. 67), de uma "mediação dialética entre a prática e a teoria, entre o saber popular e o saber científico".



O Plano de Estudo: É o principal instrumento de mediação. Ao final do Tempo Escola, cada estudante, com a ajuda de um monitor (professor-tutor), elabora um plano pessoal com questões e tarefas a serem desenvolvidas durante o Tempo Comunidade. Essas questões partem dos temas estudados na escola, mas se conectam diretamente com a realidade da propriedade familiar ou da comunidade. Exemplo: "Pesquisar com meus pais quais as variedades de feijão que eles cultivam e por que escolheram essas sementes (tema: agrobiodiversidade)" ou "Medir o pH do solo do nosso quintal e comparar com o que aprendemos em aula (tema: química do solo)".

O Caderno da Realidade (ou Caderno da Alternância): É o diário de bordo do estudante durante o Tempo Comunidade. Nele, ele anota suas observações, os resultados de suas pesquisas, as conversas com os familiares e os novos questionamentos que surgem da prática. Este caderno é um rico material de análise que será socializado e aprofundado no retorno ao Tempo Escola.

A Colocação em Comum (Socialização): É o momento mais importante no início do Tempo Escola. Em grupos, os estudantes socializam o que trouxeram em seus Cadernos da Realidade. Suas descobertas, dificuldades e dúvidas se tornam a matéria-prima para as aulas seguintes. O professor não parte de um conteúdo abstrato, mas dos problemas e observações concretas trazidas pelos próprios alunos.



Metodologias e Práticas - Temas Geradores e Investigação Temática

Inspirada diretamente na obra de **Paulo Freire**, essa abordagem pedagógica parte do princípio de que o conteúdo programático não deve ser um conjunto de conhecimentos abstratos e impostos, mas sim o resultado de uma investigação sobre os temas que "geram" interesse, angústia e debate na vida concreta dos estudantes e de sua comunidade.

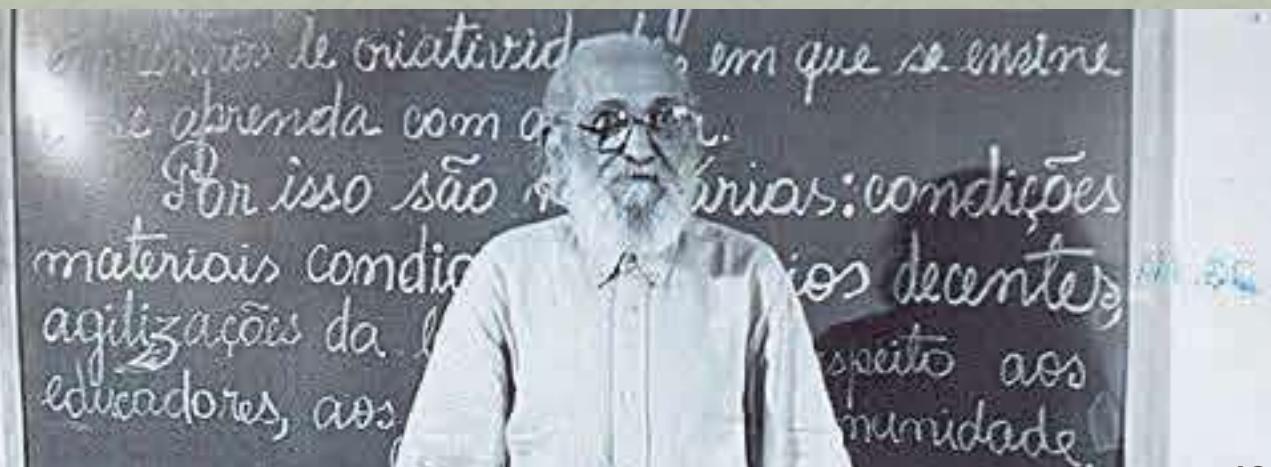
O Tema Gerador é a "representação de uma situação-limite, ou seja, de um problema social concreto que se apresenta como uma barreira a ser superada" (RAMOS, 2008, p. 13). É um problema real, vivo, que desafia a comunidade e que, por sua complexidade, não pode ser respondido por uma única disciplina.

Freire (1987) propõe um caminho com **cinco fases interligadas**:

1^a Etapa: Levantamento Preliminar (O Olhar Curioso) O primeiro passo é um mergulho na realidade da comunidade. Professores e estudantes, juntos, buscam conhecer o universo vocabular, as práticas, os conflitos e as esperanças do lugar. Isso pode ser feito por meio de conversas informais, observação participante, entrevistas com moradores antigos, análise de dados do município, etc. O objetivo é mapear as contradições e os temas que pulsam no território.

2^a Etapa: Codificação (A Escolha do Foco) Do vasto material coletado, o grupo seleciona algumas contradições centrais que se mostram mais significativas. Essas contradições são então "codificadas", ou seja, representadas de forma a provocar o estranhamento e a análise. Uma codificação pode ser uma fotografia, um vídeo curto, o trecho de uma música, uma charge ou uma pequena encenação que sintetize o problema. Exemplo: uma foto mostrando, de um lado, uma grande plantação de soja e, do outro, um pequeno quintal com produção diversificada de alimentos.

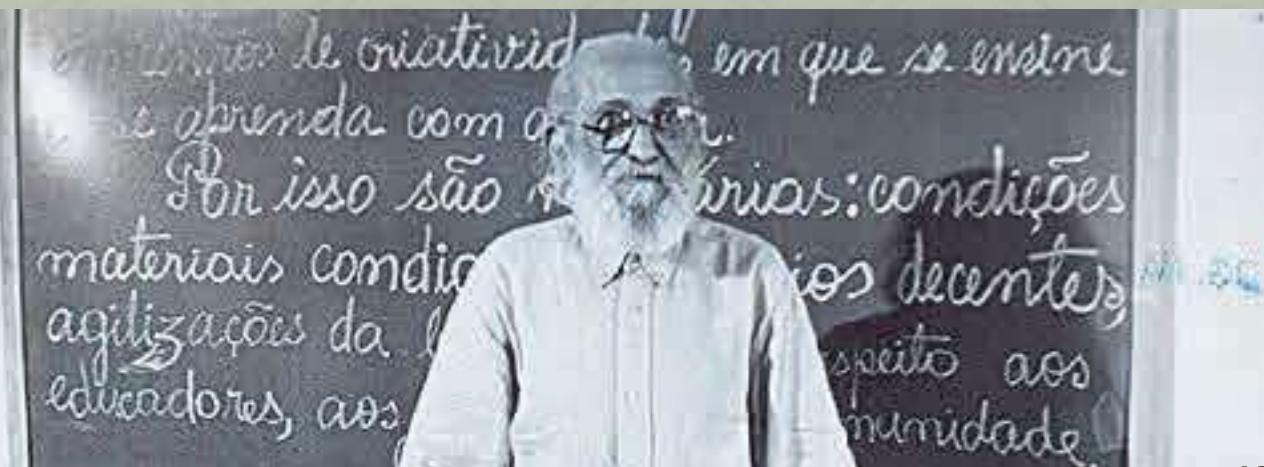
3.^a Etapa: Descodificação (O Desvelar do Problema) Este é o momento do debate nos "Círculos de Investigação Temática". Diante da codificação, o professor-coordenador lança perguntas problematizadoras: O que vocês veem nesta imagem? Quais os problemas que ela mostra? Quais as causas desses problemas? Como isso se relaciona com a nossa vida? O objetivo não é dar respostas, mas fazer com que o grupo, por meio do diálogo, "descodifique" a situação, percebendo as relações sociais, econômicas e políticas que estão por trás do fato concreto. É nesta fase que o tema gerador se revela em sua plenitude.



As etapas (parte 2)

4.^a Etapa: Redução Temática (A Organização do Estudo) Uma vez que o tema gerador foi desvelado (ex: "a disputa entre o modelo do agronegócio e o da agricultura familiar"), os professores se reúnem para "reduzi-lo" a seus núcleos fundamentais e identificar quais conceitos das suas disciplinas são necessários para compreendê-lo em profundidade. É aqui que o planejamento interdisciplinar, que discutimos no Capítulo 2.3, acontece de fato. Para estudar o tema gerador, quais conteúdos de Química, História, Matemática, Biologia, Sociologia e da área técnica serão mobilizados?

5.^a Etapa: A Construção do Material Didático e a Ação Cultural Com base na redução temática, professores e estudantes constroem seus próprios materiais de estudo: roteiros de pesquisa, pequenos textos, experimentos, etc. O conhecimento é buscado para responder aos desafios do tema gerador. O processo culmina em uma ação cultural, uma proposta de intervenção na realidade que busca superar a "situação-limite" que deu origem à investigação. Pode ser a criação de uma horta agroecológica na escola, a produção de um documentário sobre as sementes crioulas, a organização de uma feira de economia solidária, etc.





Para Além do "Dar Aulas": O Professor como Intelectual Transformador

Ser um intelectual transformador no contexto da Educação do Campo significa:

Ser um pesquisador da própria prática e da realidade local: Como vimos, o professor não é o único detentor do saber. Ele é um pesquisador que aprende com seus alunos e com a comunidade, que investiga os temas geradores de seu território e que está em permanente formação.

Ser um mediador cultural: É aquele que articula, de forma dialética, o saber científico-tecnológico com os saberes da experiência, da tradição, da cultura popular. Ele não nega nem um nem outro, mas os coloca em um diálogo que enriquece a ambos.

Ser um articulador comunitário: A escola do campo não pode ser uma ilha. O professor-intelectual é um construtor de pontes, que articula a escola com as associações de moradores, os sindicatos, as cooperativas, os movimentos sociais, transformando a instituição em um polo de desenvolvimento e organização popular.

Essa postura se opõe frontalmente à neutralidade. A educação nunca é neutra. Como nos alerta Paulo Freire (1996, p. 58), "lavar as mãos do conflito entre os poderosos e os impotentes significa ficar do lado dos poderosos, não ser neutro". A EPT do Campo, ao se comprometer com o desenvolvimento sustentável e com a valorização dos sujeitos do campo, toma uma posição clara em favor de um projeto de sociedade que valoriza a vida, a justiça social e a diversidade, em oposição a um modelo que visa apenas o lucro e a concentração de riqueza (FRIGOTTO, 2010).



Referências

ARROYO, Miguel G. **Imagens Quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres.** Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.** Brasília, DF: CNE, 2002.

CALDART, Roseli Salete. **Educação do campo: notas para uma análise de percurso.** Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 35-64, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A educação e a crise do capitalismo real.** Revista Lusófona de Educação, n. 16, p. 17-29, 2010.

MOLINA, Mônica Castagna (org.). **Educação do Campo e pesquisa: questões para a prática.** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2015.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. A Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos e a Educação do Campo: em defesa de um projeto de formação humana e de desenvolvimento social. In: MOLL, Jaqueline (org.). **Educação Profissional e Tecnológica no Brasil Contemporâneo: desafios, avanços e possibilidades.** Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 45-56.

NOSELLA, Paolo. Uma nova referência para a educação no campo: a pedagogia da alternância. In: _____. **Legados e perspectivas para a educação no campo.** São Carlos: EdUFSCar, 2012

RAMOS, Marise Nogueira. A pedagogia das competências e a psicologização das questões sociais. In: **Seminário Nacional sobre a implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio.** Curitiba, 2008.

SACHS, Ignacy. **Rumo à ecossocioeconomia: desenvolvimento e civilização.** São Paulo: Cortez, 2007.



INSTITUTO FEDERAL
Sergipe



PROFEPT
MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL
Sergipe